

IMAGINÁRIO E TRANSDISCIPLINARIDADE: UMA PROPOSTA NA LIGAÇÃO DOS SABERES E ENCANTAMENTO NA EDUCAÇÃO.

Nilma Figueiredo de Almeida (Instituto de Psicologia/UFRJ; LISE/FE/UFRJ)
nilmaf@ig.com.br

Pensar em Ensino deveria, antes de qualquer coisa, ser um momento para nos remeter às lembranças da infância e, tornar a sentir o quanto o aprender nos proporcionava alegria. Era uma felicidade pelo descobrir, pelo apropriar-se das ferramentas necessárias que nos abriam um mundo de possibilidades, de criação, de comunicação e transformação.

Se nos deixarmos embalar por tais recordações, olháriamos para as nossas escolas, nossas crianças, com outros olhos. Olhos de empatia, cumplicidade e principalmente, olhos amorosos.

Criamos tantos modelos teóricos para nos auxiliar no processo de aprendizagem, que esquecemos que nosso principal foco é aquele ser humano que está diante de nós, com isso acabamos valorizando excessivamente a formalização do conhecimento, os constructos teóricos, os métodos, em detrimento do aprendizado, tentando normatizar e enquadrar as crianças em realidades pré-construídas.

Destituímos assim, a criança, de sua subjetividade, individualidade, capacidade de imaginação e descoberta do mundo, para que a escola se encarregue de mostrar um mundo novo, tão diferente do seu e, ideologicamente, melhor.

Hoje, o que visualizamos na Educação são professores envolvidos em uma gama de problemas, dentro e fora da sala de aula, que os deixam desmotivados diante da tarefa de ensinar. Muitas vezes o prazeroso tornando-se árduo e os obstáculos, intransponíveis, mas, trabalhar com educação é isso: um exercício de imaginação e tentativas de realização de sonhos.

O Projeto de Extensão para Capacitação de Professores “Encantar a Educação” surgiu como uma proposta audaciosa do Laboratório de Estudos e Pesquisas Transdisciplinares (UFRRJ) de se trabalhar a transdisciplinaridade em sala de aula, em uma época onde os professores encontram-se desiludidos e cansados de tantas tentativas sem resultados satisfatórios.

Este Projeto, baseado na Teoria da Complexidade de Edgar Morin e no Conceito de Transdisciplinaridade, de Basarab Nicolescu trouxe a possibilidade de se trabalhar o Imaginário na concepção da Psicologia Analítica de C. G. Jung, junto aos professores e consequentemente, aos alunos. A idéia da complexidade permite que, teorias com divergências conceituais, possuam pontos de convergências que podem ser aproveitados como complementares para aliviar o fardo de educadores e educandos, em sala de aula. O interacionismo, que afirma que o desenvolvimento intelectual é determinado pela relação do sujeito com o objeto, vem sendo a mola mestra das políticas educacionais para a alfabetização e os teóricos que mais contribuíram para a compreensão da construção do conhecimento foram Piaget, Vygotsky e Wallon (DELGADO, 2003). A abordagem transdisciplinar vem contribuir à Pedagogia trazendo um intercâmbio dinâmico entre as ciências exatas, as ciências humanas, a arte e a tradição. De certa forma esta abordagem já preexiste em nosso cérebro através da interação dinâmica entre

os dois hemisférios. O estudo conjunto da natureza e do imaginário, do universo e do homem poderia nos ajudar a enfrentar os diferentes desafios de nossa época (BRANDÃO & CREMA, 1991).

A imaginação (imaginário) deve ser entendida aqui em seu sentido literal e clássico, isto é, como verdadeira *força de criar imagens*, e não como fantasia, que designa uma idéia que ocorre de repente (JUNG, 1984).

Trabalhar com a complexidade do processo de significação de uma comunidade consiste em levar em consideração o fato de percebê-la enquanto interlocutora, que possui mitos, crenças, formações imaginárias produzidas por uma e em uma conjuntura sócio-histórica, que vai interagir, constituir e constituir-se a partir de vários atravessamentos no estabelecimento escolar, nos sujeitos e nos grupos. Assim, as significações imaginárias, bem como aquelas produzidas pelos atravessamentos das instituições e pela singularidade do acontecer grupal, trazem outras possibilidades de reflexão e leitura sobre a complexidade e a multidimensionalidade envolvida no processo de significação. Provocar novas possibilidades de apropriação do real, de si, nos grupos fomenta a criação de linhas de fuga, singularidades, que, apesar de estigmatizados, desqualificados ou negados, conseguem recriar uma cultura, uma maneira de viver/ser, que pode ultrapassar barreiras sócio-econômicas e expandir-se, contagiando a sociedade como um todo.

O presente trabalho, resultado de uma proposta de capacitação de professores das redes de ensino municipal e estadual, no município de Seropédica (RJ), teve como objetivo fundamental preparar os professores para o enfrentamento da crise que se instalou na educação.

Valendo-se do conceito de Imaginário e de uma proposta metodológica transdisciplinar, onde o conhecimento é pensado em forma de rede, não a rede trançada e organizada em malhas, mas a rede da informática, dos neurônios e das telecomunicações, onde os pontos se agrupam, podendo estar todos eles conectados ou não; os conteúdos do curso foram ministrados por cinco professores de áreas diferentes de conhecimento, a saber: Engenharia Florestal, Química, Educação, Psicologia e Matemática. Esta abordagem permitiu o agrupamento das ciências, das tecnologias, das artes e da tradição num sistema aberto com a vantagem de introduzir referências cruzadas em todos os campos de conhecimento.

Na metodologia, os conteúdos foram apresentados a 30 professores da rede estadual e municipal de Ensino do RJ, utilizando-se técnicas de dinâmicas de grupo, histórias em quadrinhos, desenhos animados, filmes, contos de fadas e mitologia. A duração do Curso foi de seis meses.

Na avaliação do curso, realizada através de questionários, os participantes falaram da importância do sentimento de “inclusão”, “acolhimento”, “respeito”, “pertencimento”, da “necessidade de troca entre colegas de profissão”, da “falta de tempo e oportunidade para reflexão sobre o que seja aprendizagem, educar”, de “haver um espaço onde as esperanças possam ser renovadas”, “a fé na humanidade recuperada”, onde seja lançada “uma outra visão da educação que não esta já tão desgastada”. Consideraram os conteúdos apresentados como “atuais e pertinentes”, a

linguagem utilizada pelos palestrantes, “clara e elucidativa”. A relação interpessoal entre palestrantes e professores ocorreu de forma democrática, oportunizando a todos de maneira igual, ajudando a desenvolver a inteligência emocional, inter e intrapessoal dos participantes. Essa aproximação fez com que todos se sentissem acolhidos e valorizados.

O modelo que ficou registrado para estes professores foi de cooperação, participação, integração e meta comum. O resultado foi saírem com vontade de partilhar conhecimento e realizar um trabalho conjunto. Concluiu-se, portanto, que a abordagem transdisciplinar e o conceito de Imaginário trouxeram ao professor além de um desafio, a re-significação do saber escolar, através da auto-produção a partir de novas conexões e novas práxis. Portanto, um novo olhar, mais cuidadoso, carinhoso, pode fazer ressurgir o encantamento perdido nos bancos escolares.

As observações feitas e a avaliação do curso, realizada pelos participantes, demonstraram a necessidade que todos têm de sentirem-se incluídos, acolhidos, respeitados, pertencentes. Isso fala de um descaso que a política pública tem com a Educação. Diante da necessidade de trocas entre colegas de profissão, a falta de tempo e oportunidade para reflexão sobre o que seja aprendizagem, educar, os professores reivindicam ter um espaço/tempo onde as esperanças na educação, na sociedade, na vida possam ser renovadas, a fé na humanidade recuperada. Este espaço seria para que fosse lançada outra visão da educação que não esta já tão desgastada. O desânimo destes profissionais vem da falta de uma qualificação que os faça refletir e propor estratégias de transformação.

O grupo observou que os alunos/professores saíam satisfeitos depois de um dia inteiro de atividades, sem demonstrarem cansaço, felizes por terem aprendido algo que lhes fosse significativo ao seu cotidiano escolar. Eles expressaram que os conteúdos apresentados eram atuais e pertinentes, que a linguagem utilizada pelos palestrantes era clara, elucidativa e que é necessário estar sempre aprendendo, pois o conhecimento é inesgotável. Verificou-se que existe um campo fértil a ser cultivado e que nem tudo está perdido, a despeito de todas as dificuldades encontradas na área da educação. Pensou-se que, além de uma proposta inovadora como a da transdisciplinaridade, torna-se fundamental que o grupo de profissionais encarregados da proposta seja coerente, harmônico, tenha o mesmo objetivo sincero e o transmita em sua atuação. O modelo que ficou registrado para estes professores foi de cooperação, participação, integração e meta comum, tal percepção contribuiu positivamente para que a motivação de muitos fosse compartilhar os novos saberes com os colegas que não puderam comparecer, saíram com vontade de realizar um trabalho conjunto, com esperança de mudanças.

A relação interpessoal fez grande diferença, pois não foi hierárquica, mas democrática, valorizando a todos de maneira igual. Essa aproximação fez com que todos se sentissem acolhidos e valorizados. Esta é a importância da inteligência inter e intrapessoal, pois só pode ser autêntico quem se conhece e sabe seus limites. A inteligência emocional funcionou como veículo de transmissão de valores. Enfim, a cognição só se dá pela junção dos pólos emoção e razão e isto foi vivenciado.

Apesar dos temas transversais terem sido lançados pelo MEC/SE em 1998 como parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais a serem seguidos pelos professores do ensino fundamental e médio, a sua dinâmica no cotidiano escolar tem-se deparado não só com a estrutura organizacional do sistema, mas principalmente a postura atitudinal e

conceitual construídos sob os princípios da Ciência Moderna (disciplinar e fragmentários). Passar da visão fragmentária para uma visão integrada (transdisciplinar) requer um corte epistemológico. A transformação começa na estrutura mental dos professores e o Projeto Reencantar a Educação propôs fornecer os primeiros subsídios para isto ocorrer.

Através da aprendizagem da observação meticulosa, do olhar estético, da percepção de si e do mundo em outro prisma pode-se articular soluções inovadoras e possíveis para si, para o grupo e para a comunidade. Deve-se lutar por condições sociais e políticas que permitam a humanização, a constituição de sujeitos que possam viver dignamente com todo avanço tecnológico que a humanidade produziu, engendrando ações efetivas no sentido de transformar o social.

A teoria da complexidade de Morin *apud* Petraglia (1995), nos mostra que cada vez mais teremos que eliminar as dicotomias existentes na Ciência. O inconsciente cognitivo não poderia existir sem o componente afetivo, da mesma forma que a cognição não se daria sem as emoções. A tentativa de analisar o fenômeno humano através de suas partes não nos dá o humano, mas seus fragmentos. Montar este mosaico é o desafio da psicologia contemporânea.

Compreende-se que a metacognição envolve um processo recursivo que não pode ser apartado do processo do imaginário. Refletir, planejar, organizar estratégias, usar o conhecimento previamente adquirido, acessar informações relevantes, tudo isto está impregnado de imagens que levam a um processo criativo.

A imaginação é criativa, inventiva; sem imaginação não há pesquisa científica. Einstein ao descrever seu processo criativo disse que as palavras ou a linguagem como são escritas ou faladas não parecem representar nenhum papel em seu mecanismo de pensamento, mas sim certos sinais e imagens mais ou menos claros que podem ser reproduzidos e combinados voluntariamente. Da mesma forma Monod (1989, p. 173) dizia que “todos os homens de ciência devem ter tomado consciência de quanto a sua reflexão, ao nível mais profundo, não é verbal, mas sim uma experiência imaginária simulada. Há um jogo combinatório de conexões lógicas com símbolos e percepções íntimas ligando curiosidade, dúvida, descoberta e sentimentos”.

Oppenheimer afirmava que o mundo definido pelos sentidos é simplesmente um mundo de aparências. O mundo da realidade está escondido atrás das coisas onde místicos e cientistas tentam penetrar, cada um da forma que lhe é peculiar, ou pela supressão dos sentidos e introspecção ou pela matemática e raciocínio indutivo.

Segundo Silveira (1988) a exploração das profundezas do inconsciente levou à descoberta de que os mais universais símbolos do Self (arquétipo do Si-Mesmo) pertencem ao mundo mineral, são eles a pedra, preciosa ou não, e o cristal, substância de estrutura geométrica exata por excelência. Von Franz ressalta a importância da investigação das relações ainda desconhecidas entre aquilo que chamamos psique inconsciente e aquilo que chamamos matéria. Se o psicólogo através das camadas mais profundas da psique encontra a matéria, o físico, em suas pesquisas mais finas sobre a matéria encontra a psique. Físicos como Eddington, J. Jeans e outros aceitam que a matéria esteja impregnada de um psiquismo elementar. O físico Alfred Hermann disse que a natureza do elétron parece ambígua, meio matéria, meio psique. Teilhard de Chardin, pensador católico, concebe a matéria animada interiormente de espiritualidade,

o que é tanto mais significativo, pois o cristianismo até então separava de maneira irreduzível, a matéria do espírito.

A consequência extrema, de acordo com Von Franz *apud* Silveira, (1988, p. 168) da posição de psicólogos, físicos e biólogos será admitir que “a psique e a matéria sejam um mesmo fenômeno observado respectivamente do interior e do exterior”. Daí a importância da vivência, da experiência de vida que leva o criador a assumir um tempo nas diversas dimensões e não apenas no tempo linear, cronológico ou social, como o fizeram Proust, na literatura, e Einstein, na ciência.

A realidade humana é pluridimensional, não se pode aprisioná-la a um único modelo explicativo. A unidade do homem é unidade dialética, uma coexistência de contrários, pressupõe a multiplicidade e não a homogeneidade. A sociedade humana é uma sociedade de pensamento e sentimento que são expressos através de diversas formas da vida cultural, onde sempre estará presente uma tensão entre estabilidade e evolução, entre forças criadoras e reprodutoras.

A proposta transdisciplinar é pensar o conhecimento em forma de rede, não a rede de pescador que é toda trançada e organizada em malhas, mas a rede da informática, dos neurônios e das telecomunicações, organizada em pontos que se agrupam, podendo estar todos eles conectados ou não. Esta abordagem permite o agrupamento das ciências, das tecnologias e das artes num sistema aberto com a vantagem de introduzir referências cruzadas em todos os campos de conhecimento e recortes disciplinares. A este olhar cruzado, chamamos olhar transdisciplinar, não sendo um fim em si mesmo, mas um meio e um método. A característica metodológica transdisciplinar pressupõe a possibilidade de propor abordagens unificadoras, assentadas em conceitos transversais e compartilhando objetos, temas e problemas. (DOMINGUES, 2005).

Para Guattari (1981) o “coeficiente de transversalidade” significa o grau de abertura de um indivíduo ou grupo para levar em conta essas múltiplas dimensões que atravessam e produzem suas vidas e subjetividades, no sentido de viverem o risco de se confrontar com o novo e a alteridade, assumirem o sentido de sua práxis se instaurar como indivíduos e grupos sujeitos, e não grupos sujeitados. Daí a exigência inevitável da transdisciplinaridade como estratégia de abordagem dos diversos componentes transversais que atravessam qualquer realidade humana e social. (VASCONCELOS, 2002)

Rogers (1972) coloca que há um campo de experiência único para cada indivíduo, esse campo fenomenal contém tudo o que se passa no organismo em qualquer momento, e que está potencialmente disponível à consciência. É um mundo privativo e pessoal, que pode ou não corresponder à realidade objetiva.

Para o autor as pessoas são capazes de crescimento, mudança e desenvolvimento pessoal. Afirma que aceitar-se a si mesmo é um pré-requisito para aceitação mais fácil e genuína dos outros. Diz que a barreira à comunicação interpessoal é a tendência a julgar, avaliar, aprovar ou desaprovar a colocação de outra pessoa; que, sentimentos negados à consciência distorcem a percepção e a reação às experiências que os desencadearam. Considera que o objetivo educacional deve tornar-se a facilitação de mudança e aprendizagem. Somente em um contexto interpessoal, no qual a aprendizagem seja facilitada, surgirão verdadeiros estudantes, reais aprendizes, cientistas e intelectuais criativos e participantes. Logo, a relação interpessoal é de

primordial importância, pois um facilitador de aprendizagem é um recurso vivo que só pode funcionar em uma relação interpessoal com o aprendiz. O professor precisa ser uma pessoa real com seus alunos e despojar-se do tradicional “papel”, “máscara” ou “fachada” de ser “o professor”, tal atitude nasce de duradoura confiança e aceitação de outra pessoa como indivíduo digno e valioso.

Para Rogers (1972), facilitar a aprendizagem é libertar a curiosidade, é permitir que as pessoas assumam o encargo de seguir nas novas direções ditadas por seus próprios interesses; é desencadear o senso de pesquisa; abrir tudo à indagação e à análise e reconhecer que tudo se encontra em processo de mudança.

A questão educacional implica, na atual conjuntura, na integração do sentimento na aprendizagem escolar, por ser considerada essencial para o desenvolvimento de sujeitos psicologicamente saudáveis e plenos. A Psicologia trouxe muitas contribuições para os educadores, notadamente com as perspectivas comportamentalista, gestaltista, estruturalista e construtivista, mas eles continuam sem levar em conta o conceito de inconsciente, como se alunos e professores não possuíssem tal dimensão.

Para Saiani (2003) lidar com pessoas não significa formar autômatos, mas admitir que diferentes potencialidades e características trazidas pelos alunos são, para eles próprios, inconscientes, assim como muitas das atitudes dos próprios professores. O que se fala ou faz pode provocar situações cujas reações podem advir do inconsciente sem que professor e aluno tenham qualquer controle sobre elas. Torna-se imprescindível a educação permanente dos adultos, pois o autoconhecimento e o aprendizado contínuo devem ser uma segunda natureza para o educador.

Saiani (idem) sugere algumas aplicações da psicologia analítica junguiana para o processo educacional, sempre tendo como objetivo o desenvolvimento do sentimento neste processo. Para ele, assim como faz parte da formação do professor o conhecimento técnico de sua disciplina, ele também deve ser capaz de criar meios para propiciar um clima favorável na sala de aula, clima este que promova o desenvolvimento pleno do aluno. O autor nomeou tal clima de “atmosfera positiva”. Para tal, o educador deve saber utilizar bem sua função sentimento, para que assim a desenvolva em seus educandos.

Para concluir podemos dizer que uma pessoa criativa é aquela que usando os dois hemisférios cerebrais de forma equilibrada, é capaz de perceber de modo novo as informações para busca de diferentes soluções. É, pois, necessário haver equilíbrio entre razão e emoção para que se possa superar as barreiras do dia a dia, nos campos profissional, pessoal ou em qualquer situação interpessoal. A integração do sentimento, da imaginação à nossa percepção da realidade, faz-nos desenvolver nossa personalidade de maneira mais total.

REFERÊNCIAS:

- BRANDÃO, Dênis. M. S., CREMA, Roberto (Org.). O novo paradigma holístico: ciência, filosofia, arte e mística. 1. ed., São Paulo: Summus, 1991. 160 p.
DELGADO, Evaldo Inácio. Pilares do interacionismo: Piaget, Vygotsky, Wallon e Ferreiro. São Paulo: Érica, 2003, 134 p.

DOMINGUES, Ivan. (Org.) Conhecimento e transdisciplinaridade II: aspectos metodológicos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. 413 p.

GUATTARI, Félix. Revolução molecular: Pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1981.

JUNG, Carl Gustav. Psicologia e Alquimia. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MONOD, Jacques. O acaso e a necessidade: ensaio sobre a filosofia natural da biologia moderna. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989, 219 p.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber. Petrópolis, RJ: Vozes. 1995. 115 p.

ROGERS, Carl R. Liberdade para aprender. Belo Horizonte: Interlivros, 1972. 320 p.

SAIANI, Cláudio. Jung e a Educação: Uma análise da relação professor/aluno. 3. ed. São Paulo: Escrituras, 2003. 212 p.

SILVEIRA, Nise da. Jung: vida e obra. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 195 p.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis, RJ: Vozes. 2002. 343 p.